MORAL / ÉTICA

TORRE DÍAZ, Javier de la, **Anticonceptivos y ética. Una historia, una realidad, una decisión moral**, «Biblioteca básica Comillas», San Pablo (www.sanpablo.es), Madrid, 2009, 301 p., 190 x 120, ISBN 978-84-285-3522-9.

Javier de la Torre Díaz é doutor em Direito, licenciado em Filosofia e Teologia Moral; director da cátedra de Bioética e do mestrado em Bioética da Universidade Pontificia Comillas; professor de Bioética, Moral Sexual e Ética do Matrimónio e a Família na Faculdade de Teologia da UPC.

Neste livro – espécie de livro de bolso ou manual, de fácil manuseamento e leitura – propõe-se dois essenciais objectivos: a) situar a reflexão sobre os métodos anti-conceptivos numa larga história de práticas anti-conceptivas e de reflexões morais sobre a anti-concepção; b) oferecer uma série de critérios e orientações para uma sábia valorização moral das decisões neste domínio por parte dos indivíduos e dos casais.

A longa história das práticas anti-conceptivas, começa-a nos tempos do paganismo grego e romano, atravessa o cristianismo primitivo e medieval e as épocas moderna e contemporânea, até ao aparecimento da pílula. O período que tem em conta como o que representa a actualidade abrange os últimos trinta anos. Incide sobre uma razoável diversidade de métodos e instrumentos: de barreira: preservativos masculino e feminino, espermicidas, diafragma, capucho cervical, esponja vaginal; métodos cirúrgicos: esterilização masculina e feminina; métodos naturais: Temperatura Basal Corporal; muco cervical ou fluxo vaginal, ritmo

ou calendário, métodos sintotérmicos, aleitamento materno prolongado, outros; DIU; anti-concepção hormonal (pílula e outros).

Na reflexão e orientação ética, o autor distingue uma ética de mínimos e uma ética de máximos. Na linha da primeira, apresenta critérios dependentes do sujeito e do método, deixando a decisão última para a consciência responsável. Na ética de máximos aponta a que se inscreve na tradição católica, com atenção ao Magistério e à Tradição, à consciência, razão e lei natural e princípios daí decorrentes, e onde o critério último é o amor.

PEDRO DE VILA-NOVA

JAREÑO ALARCÓN, Joaquín, **Ética y periodismo**, col. «Ética aplicada», Desclée de Brouwer (www.edesclee.com), Bilbao, 2009, 164 p., 210 x 150, ISBN 978-84-330-2352-0.

É bem conhecida a importância dos *media* na formação da opinião pública e, em geral, na modelação da cultura que serve de referência à vida das pessoas. Daí a responsabilidade de quantos trabalham neste vasto campo da actividade humana. Joaquín Jareño – doutor em Filosofia e professor de Humanidades e de Ética e Deontologia Profissional na Universidade Católica San António, de Múrcia – oferece, neste livro, um valioso contributo para a formação de uma recta consciência moral dos periodistas.

Entre os variados temas que aborda, podemos enumerar os da opinião pública e suas falácias; pessoas e interesses, por detrás dos meios; direitos básicos e dignidade humana como seu fundamento; a verdade como critério; verdade, objectividade e preconceitos; a tentação da mentira e as dificuldades de dizer a verdade; o cuidado

com as fontes e a prudência no seu uso; a censura; a consciência; o direito à preservação da intimidade e da privacidade; os códigos deontológicos e a necessidade de formação moral.

Um livro que se recomenda especialmente a estudantes e profissionais do mundo da informação e da comunicação social.

PEDRO DE VILA-NOVA

FILOSOFIA

THOMAS-FOGIEL, Isabelle, **Le concept et le lieu. Figures de la relation entre art et philosophie**, «La nuit surveillée», Les Éditions du Cerf (www.editionsducerf.fr), Paris, 2008, 384 p., 210 x 135, ISBN 978-2-204-08578-6.

Estamos perante uma espécie de filosofia da arte, por caminhos pouco habituais. De facto, a opção da autora – especialista em Fichte – é pensar a arte, a partir da sua relação com a filosofia, à luz de um caminho filosófico que se tem tornado cada vez mais evidente, ao longo dos últimos séculos: o caminho da superação da moderna relação sujeito-objecto.

A primeira parte do estudo constitui a base teórica do todo. Depois de explicar a importância da colocação em relação – neste caso, de arte e filosofia – para a compreensão do real e inspirando-se em Merleau-Ponty, a autora explora o significado epistemológico da «topologia», ou seja, da consideração do «lugar» na sua pertinência cognitiva. O que desemboca na compreensão da espacialização como temporalização, ou seja, da afirmação do lugar como modo de adiamento infinito de redução do real a um objecto apropriado por um sujeito.

Com base nessa ideia de lugar, o volume explora, na segunda parte, uma série de experimentações, a partir de posições filosóficas e artísticas. No final de cada «experimento», deduz-se um conjunto de elementos clarificadores da relação entre arte e filosofia. Na minha perspectiva, o contributo mais inovador e interessante deste estudo está, precisamente, nesta parte «experimental».

De facto, parte-se logo da relação entre figuração e desfiguração. E interpreta-se a arte contemporânea, assim como a filosofia, como movimento desconstrutor de uma figura claramente delimitada, cujos contornos pudessem ser objectivados. Esse processo desconstrutivo poderá ser feito por uma «contra-figura», num movimento negativista de iconoclasmo radical – que conduziria ao nihilismo total – ou por uma «vaga figura», que mantém a possibilidade de figuração, sem eliminar o movimento infinito dessa mesma figuração, na presença de uma figura final.

Em segundo lugar, explora-se a noção de «ligação», a partir de textos de Kandinsky, para opor à noção de representação. Aquela permite pensar a relação entre dialéctica e síntese, evitando a redução da síntese conceptual a uma representação completa e final do real no conceito – ou na obra. A obra – como o conceito – seriam antes o processo da própria ligação, uma espécie de síntese em movimento, a síntese como sintetizar o permanentemente sintetizável e nunca definitivamente sintetizado.

Caminhamos, depois, para a tese central do volume: o lugar da obra, como particularidade de um ente concreto, compreendido como universalização. O que só é possível, na medida em que a obra é, ela própria, o seu lugar, num absoluto que não a isola, mas lhe explora a dimensão universal. Teríamos, assim, na arte,